

A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO NO CINEMA

Por Cláudia Mogadouro

05/04/2018



Foto: Divulgação

Na historiografia brasileira, as narrativas do cangaço foram por muito tempo parciais e aterrorizantes, o que permitiu a construção de um imaginário de homens que simplesmente espalhavam o terror por onde passassem. Essa visão simplista foi bastante disseminada pelo estado brasileiro na primeira metade do Século XX, até para justificar a incompetência da polícia, constantemente desmoralizada pelos cangaceiros, e tão violenta e arbitrária quanto eles. Infelizmente, não apenas a imprensa assumiu essa narrativa, mas também muitos livros didáticos até alguns anos atrás. Entre os anos 1930 e 1950, os comunistas e outros líderes de esquerda olharam para o fenômeno como um movimento social revolucionário, símbolo da resistência armada contra o latifúndio, tornando Lampião, Corisco e outros cangaceiros verdadeiros heróis nacionais. E, se houvesse uma consulta popular sobre a imagem desses cangaceiros, talvez eles também fossem considerados uma espécie de Robin Hood. A literatura de cordel, expressa bem esse olhar para Lampião como um grande injustiçado, portanto, um justiceiro.

A Literatura já registrava uma abordagem mais complexa desse fenômeno, como nos romances de Franklin Távora (*O Cabeleira*, 1876), Euclides da Cunha (*Os Sertões*, 1902), Jorge Amado (*Seara Vermelha*, 1946), José Lins do Rego (*Cangaceiros*, 1953) e a grande obra de Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*, 1956).

Nos anos 1960, chega até nós a perspectiva do banditismo social analisada pelo historiador inglês Eric Hobsbawn, que vê o fenômeno como uma forma primitiva de protesto social organizado, fruto da ausência do estado e de injustiças sociais, mas sem necessariamente apontar para qualquer transformação social. Os estudos atuais sobre o cangaço se inserem perfeitamente nesta visão, pois ele surge muitas vezes como única saída de sobrevivência, ora com o tom da vingança em virtude de

injustiças praticadas pelos governantes ou coronéis, ora com o tom da ilegalidade, da fuga por crimes pessoais.

O imaginário do cangaço foi sintetizado na figura de Virgulino Ferreira da Silva – conhecido como Lampião – o maior líder dos cangaceiros na história brasileira. Vítima de uma injustiça – seu pai foi assassinado pela polícia – jurou vingança e, junto com dois irmãos, passou a integrar um grupo de cangaceiros. Viveu por 17 anos no cangaço. Sua figura é muito ambígua, aliás, como a maioria dos cangaceiros, pois consta que fazia acordo com coronéis e era totalmente devoto ao Padre Cícero, com quem se encontrou pessoalmente uma vez. Consta que ele tinha hábitos aburguesados, como tomar whisky escocês e usar perfume francês.

A morte de Lampião, Maria Bonita e seu bando foi anunciada com euforia, em julho de 1938, “tranquilizando” muitos lares que, em vários lugares do Brasil, suspeitavam que Lampião poderia entrar pela janela a qualquer momento. Todos os cangaceiros pegos foram decapitados e suas cabeças expostas por muitos anos em museus pelo Brasil.

Todas essas histórias, é claro, atizaram a criatividade dos cineastas. Desde a fase do cinema mudo, alguns filmes sobre o cangaço e Lampião foram realizados. Mas o filme **O Cangaceiro**, dirigido por Lima Barreto, em 1953, pode ser considerado o disparador de uma enorme quantidade de filmes com essa temática, denominada por alguns críticos de **Nordestern**. O apelido se dá com referência ao gênero western, embora guarde várias diferenças. Uma delas é que, nos filmes de cowboy, este é sempre solitário, enquanto os cangaceiros andavam sempre em bando, o que não impede de, em um filme, haver um protagonista herói.

O cineasta Victor Lima Barreto pertencia à Vera Cruz – produtora que existiu por poucos anos e que primava pela qualidade estética dos filmes. Além de dirigir, ele escreveu o roteiro do filme, mas os diálogos foram escritos por Rachel de Queiroz. A obra teve enorme repercussão internacional, pois ganhou o prêmio de melhor filme de aventura e melhor trilha sonora (Mulher Rendeira) no Festival de Cannes de 1953. O gênero da aventura prevê uma trama emocionante com muitas perseguições e confrontos, o que não é difícil de se conseguir com histórias do cangaço. Quase todas foram inspiradas nas histórias e lendas dos cangaceiros mais famosos, como Lampião e Maria Bonita, Corisco e Dadá, ainda que os nomes dos personagens sejam outros.

A estrutura do filme **O Cangaceiro**, além das perseguições, tem como eixo um herói – Teodoro – que é antagonista do cangaceiro chefe do bando, conhecido por Capitão Galdino. Teodoro não é um cangaceiro típico: ele demonstra ser honesto, ponderado. A pergunta que fica no ar: por que um homem tão bom está metido no cangaço? A certa altura é narrada sua história: ficou órfão cedo, foi educado por padres, mas sem querer se meteu em uma briga, acabou matando um homem e se tornou um foragido da polícia. O filme sugere que ele não deveria estar ali, é um cangaceiro “desajustado” e seu olhar para a mocinha Olívia faz o espectador esperar que eles sairão juntos dessa história e serão felizes para sempre. Não por acaso, ambos têm estudo e “não merecem estar naquela situação precária”. Capitão Galdino é um personagem mais simples: é e sempre foi cangaceiro, não tem crise com essa condição e seu passado não é explicado. De certa forma, ele rivaliza com Teodoro, comete atrocidades, mas não é necessariamente o vilão da história. Há cenas, por exemplo de manifestação de religiosidade e apreço pelos pobres, que provoca alguma simpatia. O verdadeiro vilão

é a polícia, representada pelas “volantes” (grupos de soldados ou contratados que perseguiram os cangaceiros pela caatinga), composta pelos “macacos” (membros das volantes). Olívia é uma linda professora, ingênua, frágil, confiante que será protegida pelo herói. Há ainda Maria, um contraponto à mocinha, pois vive no bando com os cangaceiros e demonstra ser mais maliciosa.

O sucesso internacional de **O Cangaceiro** provocou uma sequência de filmes com esse tema. Em 15 anos, até o final da década de 1960, 24 filmes foram realizados seguindo a mesma estrutura dramática, inclusive utilizando quase sempre o mesmo ator – Milton Ribeiro – para desempenhar o papel do terrível cangaceiro principal (não o mocinho). Na maioria desses filmes, o mocinho estará sempre deslocado da condição de cangaceiro, pois entrou nessa situação por algum equívoco: é perseguido da justiça por um crime que cometeu sem querer, está vingando algum parente (lavando a honra), enfim, ele “não é mau”, tem um bom coração e deseja sair daquela vida. As mocinhas serão sempre lindas, frágeis e passivas, com exceção de alguns filmes em que elas são famosas cangaceiras, como o filme **Maria Bonita, Rainha do Cangaço** (de Miguel Borges, 1965).

É interessante registrar como o tema do cangaço não ficou apenas entre o drama e a aventura. O gênero da comédia também aparece nessa filmografia, desde **O Primo do Cangaceiro** (Mário Brasini, 1955), com Chico Anysio, Zé Trindade e outros humoristas. Mazzaropi, com **O Lamparina** (1964) e os Trapalhões, em **O Cangaceiro Trapalhão** (1983) e **Os Trapalhões em O Auto da Compadecida** (1987) também vão se valer da popularidade do cangaço. E nos anos 1970, foram realizadas pornochanchadas como **As Cangaceiras Eróticas** (1974) e **A Ilha das Cangaceiras Virgens** (1976), ambas dirigidas por Roberto Mauro.

Nos anos 1960, justamente com um novo olhar da historiografia para este fenômeno social e toda a efervescência política que esse período representa, algumas produções cinematográficas passaram a abordar o cangaço de forma muito mais complexa e inovadora.

Destaco o documentário **Brasil Verdade** (1968), que se tornou um clássico dos documentários brasileiros. Ele é uma compilação de 4 médias metragens realizados em 1966/67, com produção de Thomas Farkas e trilha sonora composta especialmente por Gilberto Gil. Um dos 4 documentários chama-se **Memória do Cangaço**, escrito e dirigido por Paulo Gil Soares. Nele, além da novidade da abordagem, enriquecida com depoimentos poderosos de testemunhas do cangaço, constam as imagens inéditas de Lampião, filmadas por Benjamin Abrahão, o mascate que tinha obsessão por filmar o “cangaceiro herói”. Tais imagens foram em parte restauradas e reapresentadas posteriormente no filme **O Baile Perfumado** (1996), que conta a história desse mascate.

Outro filme impactante, marca do Cinema Novo, é **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, de Glauber Rocha (1964). Paulo Gil Soares, citado como realizador de **Memória do Cangaço**, escreveu os diálogos e fez direção de arte e de figurino desse clássico de Glauber Rocha, o que demonstra que as pesquisas dessas equipes eram bastante embasadas. Essa obra inverte totalmente a estrutura dos filmes anteriores sobre cangaço. O protagonismo é do casal de trabalhadores da terra Manuel e Rosa (respectivamente interpretados por Geraldo Del Rey e Yoná Magalhães). Eles

representam o senso comum, a consciência do camponês injustiçado que se vê perseguido pela polícia, que oscila entre o fanatismo religioso (messianismo) e o cangaço, que busca uma vida melhor, que não será conquistada nem por Deus, nem pelo Diabo. Uma das narrações se faz pela música de Sérgio Ricardo.

Outros personagens importantes são Antônio das Mortes (Maurício do Valle), que representa a polícia, e Corisco (Othon Bastos, em excelente atuação). Ambos só aparecem na segunda metade do filme. Embora haja uma luta entre os dois, eles não são necessariamente antagonistas, pois a construção dos personagens é complexa. Ambos são matadores, condenados à violência pelo “destino”, mas se colocam como sensíveis às desigualdades sociais. Antônio das Mortes chega a dizer “*matei, porque não posso viver descansado com essa miséria*”. E, ao final, Corisco sugere para o casal a fuga, deixando claro que eles têm que continuar lutando por uma vida melhor, mas com armas. Sua fala é: “*homem nessa terra só tem validade quando pega nas armas pra mudar o destino. Não é com rosário não, (...) é no rifle, no punhal*”.

É importante inserir essa obra na perspectiva do movimento do Cinema Novo, que defendia o cinema como instrumento de conscientização política. Anos depois, Glauber Rocha continua com o personagem de Antônio das Mortes (interpretado novamente por Maurício do Valle) em ***O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*** (1969), conhecida no exterior como *Antônio das Mortes* e que deu a Glauber o prêmio de melhor direção no Festival de Cannes. Nesta obra, ele radicaliza na alegoria, utilizando-se da ópera e do cordel. Não é uma obra tão conhecida como *Deus e o Diabo*, mas é considerada por muitos críticos a obra prima de Glauber.

Também é importante citar um filme absolutamente inovador do período da retomada do cinema brasileiro, um dos primeiros da criativa cinematografia pernambucana recente, que é ***Baile Perfumado*** (Paulo Caldas e Lírio Ferreira, 1996). O filme transgredir todas as estruturas dramáticas dos filmes anteriores e tem como mote a história de Benjamin Abrahão, o mascate libanês, secretário de Padre Cícero, que fica amigo do bando de Lampião para filmá-los. Ele mostra o líder dos cangaceiros como um homem elegante e vaidoso, tanto para difundir sua terrível imagem de matador implacável, mas também amante do whisky e do perfume francês. O título do filme se refere a um baile que eles realizam no meio do mato e para o qual se arrumam, inclusive usando perfumes. Os recursos cinematográficos (uso de plano sequência, trilha sonora com o mangubeat de Chico Science & Nação Zumbi, cenário muito colorido) subvertem o imaginário do cangaço e do nordeste. Opção interessantíssima para o público jovem se aproximar do tema.

Por fim, em 2014, o compositor e cantor Alceu Valença se arriscou na direção de um longa metragem e não se deu mal. ***A Luneta do Tempo*** conta a história de Lampião e Maria Bonita em forma de cordel, com trilha sonora do próprio diretor e mostrando que o cangaço ainda é um tema atual e que fala muito de nós.

Dica de leitura: a jornalista Maria do Rosário Caetano organizou um ótimo livro intitulado: ***Cangaço, o Nordeste no Cinema Brasileiro***, com entrevistas e textos preciosos para compreender a representação do cangaço em nosso cinema. Editora Avathar, Brasília/DF, 2005.